ALFAGUARA

James Baldwin

Diz-me há quanto tempo partiu o comboio

Tradução de Eugénia Antunes

O ataque cardíaco foi estranho… o medo é uma coisa estranha. Sabia que trabalhara demais. Tinha sido avisado. Mas sempre trabalhei demais. Saí de cena no final do segundo ato. Sentia-me acalorado e custava-me recuperar o fôlego, mas sabia que estava cansado. Fui para o camarim, servi-me de uma bebida, sentei-me e elevei as pernas. Senti-me melhor. Sabia que tinha cerca de vinte e cinco minutos até voltar a entrar em cena. Senti uma náusea enorme e fui à casa de banho, mas não aconteceu nada. Comecei então a sentir medo, muito medo, de me sentar ou de me deitar, portanto servi-me de outra bebida, saí do camarim e dirigi-me para os bastidores. Começara a transpirar e estava gelado. A náusea voltou; fiquei com a impressão de que a barriga ia elevar-se até ao cimo do crânio. O contrarregra olhou para mim quando ouvi a minha deixa. Entrei em palco com a cara dele impressa na retina. Pareceu-me lívido, horrorizado e desencarnado sob a luz descorada dos bastidores. Interroguei-me o que o assustara, mas depois dei-me conta de que tinha dificuldade em encontrar as minhas marcações de palco e em ouvir as deixas. Barbara disse as suas falas. Eu conhecia-as, entendia o que ela dizia, mas não sabia como reagir e demorei uma eternidade a responder-lhe. A seguir, enchi-me de medo e isso, é claro, engendrou e alimentou o pesadelo, fez-me compreender que vivia um pesadelo. Deslocava-me pelo palco, não sei como, içando as minhas falas da cripta profunda que era a minha memória, rezando para que estivesse a executar as marcações certas — pois perdera toda a noção

de profundidade e a perceção das distâncias — e sentindo que me afundava cada vez mais num vazio gélido. «Mandamos descer o pano?», sussurrou Barbara, e «Não!», gritei eu, ou murmurei de volta. Em determinada altura naquela cena, devia rir, e quando o fiz desatei a tossir. Receei que a tosse não parasse, veio-me à boca qualquer coisa que sabia pessimamente, e que me vi forçado a engolir, e depois, de súbito, tudo passou, tudo se tornou muito calmo, muito luminoso e claro como água. Disse mais umas falas e pensei: «Ah, já passou, já estou bem», e foi então que qualquer coisa me bateu no peito, me atravessou o peito até à coluna e quase me derrubou. Não conseguia recuperar o fôlego para dizer as minhas deixas. Encobriram e disfarçaram o meu apuro. Sabia que nos abeirávamos do final do ato. Rezei para aguentar até lá. Fiz ainda mais uns gestos, disse umas falas. Ouvi a penúltima deixa, de Barbara: «Então, voltou para ficar?», e respondi: «Penso, cara senhora, mas não é minha intenção apoquentá-la, que voltei para morrer.» Naquele momento, a fala pareceu-me extremamente engraçada. O pano desceu. Ouvi o estrépito dos aplausos, semelhante ao bramido de uma catarata distante, e, pela primeira vez, escutei o som da minha respiração, e era mais forte do que o da catarata. Dei um passo e caí de joelhos; depois estava no chão, depois a ser levado, depois no meu camarim. Tentava falar, mas não era capaz de falar. Foi a cara de Barbara, por cima de mim, que me disse quão doente estava. O cabelo castanho tombava-lhe sobre o rosto, escondendo-o pela metade, e os olhos cor de borrasca fitavam-me com a intenção de comunicar qualquer coisa que eu tinha de saber, mas não sabia. «Deixa-te estar quieto», disse ela, «não te mexas. Não fales.»

Mas eu queria pedir-lhe que me desculpasse tantos erros e tantos medos. Ela pegou-me na mão. «Não te mexas», tornou ela, «não te mexas.» E aquela mão segurou a minha. Todo o meu peso, o peso que as balanças medem, e o peso que balança nenhuma pode medir, parecia repousar contra aquela mão, empurrando-a para baixo. Eu estava suspenso no meio do ar

hostil, pronto a realizar a queda mortal, seguro apenas pela frágil mão branca de uma frágil mulher branca. Pareceu-me muito engraçado. Apeteceu-me rir. Talvez me tenha rido, não sei: doía-me tudo, e tanto. A expressão de Barbara não se alterou, não me largou a mão. Os meus olhos não se afastaram da cara dela, que, entretanto, pairava no meio da luz que inundava o camarim e que caía sobre mim, vinda de todo o lado. Atrás da cara dela havia outras caras, outras formas, outros sons, outros movimentos, mas nada tinham que ver comigo. Vi a cara de Pete, o meu auxiliar de camarim, um rosto bistre, vagamente oriental, que me fitava com a mesma concentração que lhe via quando um efeito de luz era modificado ou uma marcação alterada. Era um olhar que indagava: *Se vão resolver o problema* desta *maneira, quantos outros problemas irão eles criar?* Gosto muito de Pete, é muito bom tipo, trabalhamos juntos há anos, e quis dizer-lhe que não se ralasse. Mas a cara dele tinha um ar tão engraçado. Por mais estranho que parecesse — ou talvez não seja nada estranho, não sei —, não tinha medo; ou porventura apenas não soubesse que tinha medo. Pensei: «Meu Deus, não é assim que se representa uma cena de morte, o público jamais conseguiria ver-me.» Logo, decidi que aquela cena de morte estava a ser representada não num palco, no teatro, mas no cinema, e que a câmara estava no teto, mesmo por cima da minha cabeça: um grande plano, longo, enorme, com projetores e, às tantas, música, para realçar o meu inefável discurso às portas da morte. Mas não me ocorreu nada para dizer, se bem que me tenha virado para Barbara, com a boca escancarada. Apertou-me ligeiramente a mão. Senti as lágrimas correrem-me dos olhos para as orelhas e para o pescoço. Ouvi de novo a minha respiração, áspera e ruidosa, como se cada tentativa criasse uma tempestade de areia. Dei-me conta de um movimento longe de mim, um movimento à minha beira, todas as caras, salvo a de Barbara, desapareceram, e um rosto estranho, completamente isolado no meio da luz, pairava acima de mim. Era uma cara larga, com cabelo castanho e olhos azuis, um nariz

grande e agressivo e lábios carnudos. Soube de imediato que era o médico. Recordou-me — ou melhor, o nariz dele lembrou-me — um barbeiro do Harlem que me cortara o cabelo algumas vezes, em miúdo; este barbeiro tinha mãos enormes, as maiores que alguma vira, e dedos longuíssimos. Um deles, ou cada um deles, parecia-me mais comprido que o meu pénis. Esse autoritário naco de carne, que dava então os primeiros passos na sua longa carreira como chantagista, começara por essa altura a assustar-me de morte.

O médico disse que não podia ser deslocado; pediu que me elevassem os pés; queria evacuar o camarim. Ouvi tudo isto, ou antes, adivinhei-o, de muito longe. Saiu toda a gente, com exceção de Barbara. Ficou logo atrás do médico. O médico agarrou a mão que ela largara, a minha, desapertou-me o cinto e olhou para mim como quem dizia: *É grave, mas não se preocupe.* Eu não conseguia falar, mas o cabotino que havia em mim queria provar que não era um choramingas, que não tinha medo, e por isso sorri. Vi-o preparar a agulha, depois procurei o rosto de Barbara. Ela estava de pé, muito direita e imóvel, longe de mim; dei-me conta de que ela não se desmaquilhara nem mudara de roupa; quis repreendê-la por isso. Os meus olhos regressaram à agulha. Sabia que era inútil perguntar o que continha a seringa. Pensei no Harlem e em todas as agulhas que por lá vira. «Cerre o punho», disse o médico, como alguém diria: *Vá lá, porta-te como um homem.* Pensei em todos os rapazes que vira de punhos cerrados. Cerrei o punho. Desinfetou-me o braço e espetou a agulha, que ficou dentro do meu braço durante bastante tempo. Abruptamente, retirou-a, pressionou uma bola de algodão contra a veia e empurrou-me o punho contra o peito. «Pronto», disse ele, «não se mexa.» «Ele não pode mexer-se durante pelo menos meia hora. Depois, veremos», disse ele a Barbara. Tinha um sotaque estrangeiro. «Vou telefonar para o meu hospital. Pode ficar com ele?» Barbara acenou que sim com a cabeça. «Lembre-se», disse o médico, «não o deixe mexer-se. Ele não pode mover-se.» Barbara

assentiu de novo com a cabeça. Sentou-se e pegou-me na mão, encostada ao peito. O médico saiu.

Então, pela primeira vez, comecei a tomar consciência do meu coração, o órgão em si mesmo: e com este entendimento sobreveio um terror consciente. Dei-me conta de que não sabia nada de nada acerca de como somos feitos; e compreendi que essa coisa que não conhecia podia muito bem estar a matar-me. O meu coração — *se* era do meu coração que se tratava — parecia elevar-se e afundar-se dentro de mim; assemelhava-se a um nadador traído por um elemento que, em resultado de uma maré irrefreável, o empurrava para longe e o puxava irrefutavelmente para baixo, para o fundo; e todavia ele debatia-se, esforçava-se para vir ao de cima, mais uma vez. Mas o mar é mais forte do que o nadador. Quantas mais vezes poderia eu ouvi-lo esforçar-se por vir ao de cima, esses esforços que causavam um tal bramido no meu peito? E quantas mais vezes poderia ele cair para longe de mim, para o fundo, fazendo-me respirar com maior esforço do que nunca, atormentado por um pânico terrível, para o convencer a ascender novamente? O som da minha respiração era a única coisa que se ouvia. O meu próprio pânico, sufocante como um manto, e distante como o vento, fez-me ver quanto Barbara estava assustada, e a coragem que demonstrava. Não teria querido trocar de lugar com ela. Conhecíamo-nos havia muitos anos; tínhamos passado fome juntos, trabalhado juntos, tínhamo-nos amado um ao outro, aturado um ao outro, feito amor; porém, a mais formidável consumação do nosso amor ocorria naquele momento, enquanto Barbara, possuída pelo amor e pelo terror, segurava a minha mão. Interroguei-me o que ela pensava. Mas julgo que não pensava em nada, absolutamente nada. Estava concentrada. Decidida a não me deixar morrer.

— Barbara…

— Não fales, Leo. Haverá tempo para falar, mais tarde. Não tentes falar agora.

— Tenho uma coisa para dizer.

— Mais tarde, meu querido. Mais tarde.

Afundei outra vez. O meu coração e eu, afundámo-nos de novo. Tinha consciência da mão dela. Tinha consciência da minha respiração. Já não conseguia vê-la, mas tinha consciência da cara dela.

— Barbara. Minha querida Barbara.

— Meu querido Leo. Por favor, não te mexas.

«Ela tem razão», pensei. «Não há mais nada a dizer. A única coisa a fazer agora é aguentar.» Era por isso que ela me segurava a mão. Vi amor nesse gesto: reconheci-o com grande tranquilidade e, pela primeira vez, sem medo. A minha vida, esse labirinto desesperadamente traiçoeiro, pareceu por um momento abrir-se atrás de mim; dava a impressão de que uma luz incidia onde jamais houvera luz. Comecei a ver-me nos outros. Comecei a compreender o que Christopher terá por vezes sentido. Toda a gente quer ser amada, porém, quando isso acontece, quase ninguém consegue suportar o amor. Toda a gente anseia por amor, mas nunca acreditamos que o merecemos. Por maiores que sejam as tragédias pessoais às quais o amor pode conduzir, o amor por si só é surpreendente e misteriosamente impessoal; é uma realidade que nada do que façamos pode alterar. Em consequência, labutamos, rodamos a chave na fechadura repetidas vezes, na esperança de ficarmos trancados do lado de fora. Uma vez trancados no exterior, jamais seremos obrigados a deparar-nos, nos olhos de um desconhecido que nos ama, com a impenetrável verdade respeitante ao desconhecido, nós mesmos, que é amado. E apesar disso, preferiríamos, no fim de contas, não ficar trancados do lado de fora. Preferiríamos, simplesmente, que a chave abrisse uma porta menos insólita, menos inusitada.

A porta que conduz à minha maturidade. Estas palavras flutuaram até à superfície da minha mente. A luz que recaía sobre essa vida que fora a minha revelava um homem muito assustado, um rapazinho muito assustado. Não era sobre mim que a luz incidia, sobre mim no lugar onde então jazia. Fiquei mergulhado

na escuridão, o meu rosto permaneceu invisível. Nessa escuridão topei com uma cena de outro pesadelo, um pesadelo que tivera em criança. Neste pesadelo há um livro: um livro grande e pesado com uma capa ilustrada. A capa mostra um beco escuro e sujo, cheio de caixotes do lixo e gatos moribundos, e de janelas semelhantes a órbitas vazias. O feixe de uma lanterna varre o beco, rumo à extremidade da qual eu fujo, agarrando qualquer coisa. O título do livro no meu pesadelo é: *Não Devemos Encontrá-lo, Pois Ele Está Perdido.*

Quando Caleb, o meu irmão mais velho, me foi tirado e levado para a prisão, eu contemplava, da escada de incêndio do nosso prédio no East Harlem, as paredes de um edifício velho e enorme que ficava numa colina, ao longe, a uma grande distância. Gavinhas verdes cobriam essas paredes e as janelas cintilavam ao sol como sinais, e eu observava o edifício com a atenção impotente e desesperada de uma criança, à espera de que o meu irmão de lá saísse. Não sabia como chegar ao edifício — soubesse eu e teria dormido à sombra daquelas paredes —, e não falei a ninguém da minha vigília nem da certeza de que o meu irmão ali se encontrava aprisionado. Observei aquele edifício durante muitos anos. Às vezes, quando as janelas refletiam o sol, convencia-me de que era o meu irmão a fazer-me sinais, e acenava de volta. Quando saímos daquele prédio (para nos instalarmos noutro), gritei e chorei, porque tinha a certeza de que o meu irmão já não seria capaz de me encontrar. Infelizmente, ele não estava ali; o edifício pertencia à City College; o meu irmão estava numa quinta prisional, no Sul profundo, a trabalhar nos campos.

Senti que me largavam a mão. O médico voltara. Deu pancadinhas, empurrou, apalpou: um naco de carne complicado. Apontou-me uma luz aos olhos, à garganta, ao interior das narinas. Fiz figas para que estivessem limpas. Recordei a insistência da minha mãe para que vestisse sempre roupa interior lavada, porque podia ser atropelado por um carro a caminho ou à volta da escola e seria uma desonra para mim e para a minha família,

mesmo além da morte, presumivelmente, se a minha roupa interior estivesse suja. E comecei, de facto, a inquietar-me, quando o médico se pôs a farejar e a sondar, com o estado das minhas cuecas. Isso deu-me vontade de rir, mas não conseguia respirar.

Devo ter perdido os sentidos por um momento. Quando a luz se acendeu de novo, o médico esteava-me o tronco com uma das mãos nas costas e segurava um pequeno copo com brande junto aos meus lábios.

— Beba — instruiu ele. — Devagarinho.

Ele inclinou o copo e eu tentei beber. Havia dois homens de branco no camarim. Pareciam dois verdugos, e atrás deles estava Pete, e ao lado de Pete, Barbara. Os homens de branco assustaram-se terrivelmente. O médico reparou nisso.

— Devagarinho — repetiu ele. — Com calma. — Depois: — Vamos levá-lo para o hospital, onde poderá descansar. Precisa muito de descansar.

Em pânico, olhei em redor do camarim, a minha única casa. Não mudara de roupa, vestia ainda o figurino. Não tomara duche, não me desmaquilhara, não recuperara a minha cara verdadeira. A que exibia comichava-me e ardia, queria livrar-me dela. O cabelo tinha ainda o creme que usava para o encanecer. Queria chorar e olhei para Pete e Barbara em busca de ajuda, mas eles ficaram calados. Que ruína, que despojos, se preparavam aqueles homens de branco para arrasar, e como é que Pete e Barbara suportavam ver-me ser tão cruelmente demolido? Olhei para as lâmpadas por cima do espelho, para as bisnagas, os frascos, os *Kleenex,* os copos vazios, a garrafa de uísque, o cinzeiro, o maço de cigarros meio vazio. Ninguém me reconheceria no lugar para onde me iam levar! Estaria perdido. «Oh, Pete», murmurei, gemi, e não contive as lágrimas, «por favor, lava-me a cara.»

Sem uma palavra, Pete rumou ao comprido toucador, pegou nos *Kleenex* e no creme facial e veio ter comigo. Encheu-me a cara de creme, apagou cuidadosamente as rugas e linhas que com esmero eu desenhara três ou quatro horas antes. «Não te mexas»,

disse ele. Deitou os *Kleenex* sujos no balde do lixo, devolveu a caixa de lenços e o frasco de creme ao toucador, dirigiu-se à casa de banho e voltou com um toalhete molhado e uma toalha seca. Passou-me o toalhete molhado e depois a toalha seca pela cara e pelo cabelo. Depois disse:

— É o melhor que consigo fazer agora, meu velho. — Pegou-me em ambas as mãos e olhou-me nos olhos. — Estás pronto?

— Sim — respondi. — Obrigado.

Ele sorriu.

— Sempre que quiseres. Será um orgulho lavar-te a cara em qualquer altura. — Agarrou-me o ombro por um momento. — Não tenhas medo. Vais ficar bem. Mas temos de te tirar daqui, para podermos fechar o teatro.

Levantou-se. Os dois homens de branco pousaram a maca ao lado da cama. Pete, talvez para ficar onde eu conseguisse vê-lo, agarrou-me nas pernas, o médico no tronco, e puseram-me na maca. Taparam-me com um cobertor. A dor no peito aumentou. Por pouco não gritei. Começámos a andar. Eu não parava de ir ao fundo e voltar ao de cima, de perder os sentidos e de os recuperar. Senti o ar frio. Por um momento, vi as estrelas. Depois senti-me ser içado para um lugar escuro. A seguir, não vi mais nada a não ser a cara de Barbara e a do médico. Ouvi a sirene, senti as luzes rodopiarem, as rodas debaixo de mim começarem a avançar, e dei-me conta de que descíamos uma colina íngreme a uma velocidade perigosa, senti a ambulância travar, curvar — e Barbara deu-me a mão —, e soube que percorríamos a toda a velocidade as ruas de São Francisco, porque ninguém tinha a certeza de que a vida do ator Leo Proudhammer pudesse então não ser medida sequer pelo ponteiro dos segundos de um relógio.

E aconteceu uma coisa estranha, no mais fundo de mim. Pensei em África. Lembrei-me de que os africanos acreditavam que a morte era um regresso aos antepassados, uma reunião com aqueles que amámos. Tinham-se lançado de navios negreiros, gratos pelo amplexo do mar e até pelos dentes dos tubarões,

porque lhes permitia fazer mais rapidamente a viagem para casa. E pensei num homem muito grande e muito belo que conhecera e amara, um homem negro abatido a tiro ao alcance do ouvido da sua mulher e filhos, nas ruas de uma cidade miserável no Sul profundo. Há mortes e mortes: há mortes pelas quais é impossível e até mesmo ignóbil perdoar o mundo, há mortes com as quais jamais nos conformamos. Porém, naquele momento, por um instante, conformei-me, pois pensei: «Bem, vou vê-lo. E vamos sentar-nos um com o outro e dizer lérias e embebedar-nos, como planeámos.» E este pensamento encheu-me de uma felicidade inexprimível, fantástica. Vi o rosto do meu amigo e o sorriso dele e ouvi a sua voz. Então pensei: «Mas não verei o Caleb», e a dor voltou, em cheio, tinha a impressão de ter todo o peso das pirâmides sobre o meu peito, e o barulho da minha respiração rugia e retumbava dentro da estreita viatura.

Caleb tinha dezassete anos quando eu tinha dez. Foi nesse ano que ele foi para a prisão. Éramos muito amigos. Na verdade, foi o meu melhor amigo e, durante muito tempo, o meu único amigo.

Não estou com isto a dizer que foi sempre amável comigo. Eu bulia-lhe muito com os nervos e ele não gostava nada de ter de me levar com ele para todo o lado e de ser responsável por mim quando tinha muitas outras coisas que gostaria de fazer. Por conseguinte, não era de admirar que a mão dele estivesse muitas vezes encostada à minha face, e as minhas lágrimas valeram-lhe muitos castigos. Mas eu sabia, de alguma maneira, no fundo, que quando ele era castigado pelas minhas lágrimas, não estava a ser punido por algo que me tivesse feito; era castigado, porque essa era a nossa maneira de viver; e o castigo dele, por mais estranho que fosse, contribuía para nos unir. Mais estranho ainda, embora a sua manápula me fizesse girar a cabeça e ver uma cortina cor de fogo à frente dos olhos, tinha noção de que não me estava a esbofetear a *mim*. A mão dele precipitava-se, porque ele não era capaz de a conter, e eu recebia a bolachada porque estava ali. E acontecia, às vezes, antes mesmo de eu ter tempo de recuperar o fôlego para

gritar, a mão que me esbofeteara agarrar-me e abraçar-me, e era difícil perceber qual de nós dois chorava. E ele batia, e batia uma e outra e outra vez; a mão pedia-me que o perdoasse. Sentia a sua aflição através da membrana da minha própria aflição. Pressentia também que ele tentava ensinar-me alguma coisa. E Deus sabe que eu não tinha outros professores.

É que o nosso pai — como descrever o nosso pai? — era um camponês barbadense arruinado e exilado num Harlem que odiava, onde jamais via o sol ou o céu das suas recordações, onde a vida não decorria nem dentro de portas nem fora delas, e onde não havia alegria. E com isto refiro-me à alegria de que ele se lembrava. Tivesse sido de outra maneira, tivesse ele sido capaz de trazer com ele para a prisão onde feneceu um pouco da alegria que sentira naquela ilha distante, então o ar do mar e a vontade de dançar teriam por vezes transfigurado o nosso lúgubre lar. A nossa vida poderia ter sido muito diferente. Mas não, de Barbados trouxe apenas rum escuro e forte e um orgulho ainda mais forte, e feitiços que nem curavam nem salvavam. Não compreendia as pessoas no meio das quais vivia; na sua opinião, não tinham nenhuma coerência, nenhum estatuto, nenhum orgulho. Ele descendia de uma raça que já prosperava no dealbar do mundo — uma raça mais grandiosa e mais nobre do que Roma ou Judeia, mais poderosa que o Egito —, de uma linhagem de reis, de reis que jamais haviam sido derrotados em combate, reis que nunca tinham sido feitos escravos. Falava-nos de tribos e de impérios, de batalhas, de vitórias e de monarcas cujos nomes nunca ouvíramos — não eram mencionados nos nossos manuais escolares — e investia-nos de uma glória que nos embaraçava mais do que os sapatos em segunda mão que calçávamos. Na divisão sufocante das suas pretensões e expetativas, nós tropeçávamos vilmente, dando topadas, por assim dizer, em rubis, arranhávamos as canelas em urnas douradas, derrubando, com um grito infantil, a esplêndida tapeçaria púrpura na qual, a ouro e escarlate vibrante, figuravam o nosso destino e o nosso legado. Dificilmente poderia

ter sido de outra maneira, uma vez que a maior parte da atenção das crianças tem de concentrar-se em encaixá-la num mundo que, a cada hora que passa, se revela impiedoso. Se o nosso pai tinha sangue real e nós éramos infantes, o nosso pai era, sem dúvida, a única pessoa no mundo que sabia disso. O senhorio não sabia disso, e nós reparámos que, a *ele*, o nosso pai não falava do nosso sangue real. Nunca. Quando nos atrasávamos com a renda, coisa que acontecia com frequência, o senhorio ameaçava, com termos que nenhum plebeu alguma vez usara perante um rei, pôr-nos na rua. Queixava-se de que a nossa indolência, que não hesitava em considerar um atributo da nossa raça, o obrigara a ele, um idoso doente do coração, a trepar aquelas escadas todas para nos suplicar o dinheiro que lhe era devido. E era a última vez, queria deixar bem claro que aquela era a última vez. Da próxima, seríamos corridos para o meio da rua. O nosso pai era mais jovem que o Sr. Rabinowitz, mais magro, mais forte e mais alto. Com um murro naquela pança enorme, podia tê-lo posto roxo, de joelhos, e feito voar escadas abaixo. E nós sabíamos bem quanto ele odiava Rabinowitz. Dia após dia, no inverno, acotovelávamo-nos em volta do fogão a gás, na cozinha, porque Rabinowitz não nos fornecia aquecimento; e quando o gás era desligado, sentávamo-nos em redor do fogão a querosene. Quando os vidros da janela se partiam, Rabinowitz não se apressava a consertá-los; o vento fazia o cartão que colávamos à janela abanar toda a noite, e quando nevava, o peso da neve empurrava o cartão para dentro e fazia-o cair. Nem Rabinowitz nem os serviços municipais se preocupavam em recolher o lixo ou limpar a neve; sempre que o apartamento recebia uma nova demão de tinta, éramos nós que comprávamos a tinta e pintávamos as paredes; éramos nós que apanhávamos e matávamos os ratos; um inverno, caiu um grande pedaço do teto da cozinha e por pouco não acertou na nossa mãe. Todos nós votávamos a Rabinowitz um ódio absolutamente refinado; o grandessíssimo mentiroso, judeu nojento e abjeto: e estas palavras, na boca do nosso pai, eram terríveis, exsudando tanto veneno

como uma manga pingava sumo, e teríamos gostado de ver o nosso orgulhoso pai matá-lo. Teríamos gostado de o ajudar. Mas o nosso pai não fez nada disso. Manteve-se em frente a Rabinowitz, mal olhando para ele, balouçando perante a torrente de palavras cuspinhadas, suando, com um ar indescritivelmente abatido. Justificava-se. Pedia desculpa. Jurava que não voltaria a acontecer. (Sabíamos que voltaria a acontecer.) Suplicava mais tempo. Rabinowitz acabava por descer as escadas, mostrando a todos, a nós e aos vizinhos, como era bondoso, e o nosso pai dirigia-se para a cozinha e servia-se de um copo de rum. Mas nós sabíamos que o nosso pai jamais permitiria que um negro lhe falasse como Rabinowitz o fazia, como os polícias, os lojistas, os prestamistas e as assistentes sociais lhe falavam. Não, nem por um instante; teria corrido com eles de casa; teria, sem margem para dúvida, feito saber a esse negro que não era nenhum descendente de escravos! Fizera-o tantas vezes que quase não tinha amigos entre eles, e se nós lhe tivéssemos seguido o exemplo, também não teríamos amigos. De pouco ou nada valia ser descendente de reis se os reis eram negros e se ninguém ouvira falar deles, e sobretudo, além disso, se a realeza não nos enchia a barriga e não podia impedir Rabinowitz de correr connosco, como acabou por fazer, para o meio da rua. Foi nessa altura, e não me recordo de como, que nos mudámos para o prédio onde Caleb foi detido.

E era por causa do nosso pai, talvez, que Caleb e eu nos apegávamos um ao outro, a despeito da grande diferença de idade entre nós; ou, por outro lado, talvez fosse precisamente a diferença de idade que tornava possível este apego. Não sei. Não é, por certo, o tipo de coisa que uma pessoa alguma vez possa saber. Quiçá seja mais fácil amar o irmão mais novo, o irmão mais novo verdadeiramente desamparado, porque ele não pode entrar em rivalidade connosco no nosso próprio terreno, nem em nenhum outro, e não pode jamais contestar o nosso papel nem comprometer a nossa autoridade. No meu caso, nunca me ocorreu, ou só me ocorreu muitos anos mais tarde, competir com Caleb, e não poderia ter

questionado o seu papel ou a sua autoridade, porque precisava de ambos. Ele era a minha pedra de toque, o meu modelo e o meu único guia. Mas, por outro lado, há sempre no irmão mais novo uma faceta que acaba por se melindrar com esta submissão. Chega o dia em que de bom grado destrói o irmão mais velho simplesmente porque dependeu dele durante muito tempo. Chega o dia em que reconhece até que ponto a criação de um papel é a combinação de desamparo e de calculismo implacável e que a autoridade é um jogo de azar delicado, difícil e desastroso.

Seja como for, o nosso pai, que sonhava amargamente com Barbados, traído por Garvey, que não conseguira devolver-nos a África, desprezado e troçado pelos vizinhos e praticamente ignorado pelos filhos, mantinha o seu ignóbil trabalho como operário, pregava o seu evangelho negro nos bares ao fim de semana e bebia o seu rum. Não sei se amava a nossa mãe. Penso que sim. Tiveram cinco filhos; só Caleb e eu, o primeiro e o último, sobrevivemos. Tínhamos ambos a tez escura, como o nosso pai, mas duas das três raparigas falecidas tinham a pele clara, como a nossa mãe. Era oriunda de Nova Orleães. O cabelo dela não era como o nosso. Era preto, mas mais macio e fino, e muito comprido. A cor da pele dela fazia-me lembrar a cor das bananas. Era igualmente luminosa e promissora, e tinha sardas minúsculas em redor do nariz e um pequeno sinal preto por cima do lábio superior. Era o sinal, não sei porquê, que a tornava bela. Sem ele, o seu rosto talvez fosse apenas agradável, simplesmente bonito. Mas o sinal era engraçado. Graças a ele sabíamos que a nossa mãe gostava de coisas engraçadas, que gostava de rir. A verruga obrigava-nos a olhar para os seus olhos, grandes, extraordinários, escuros; olhos que pareciam sempre divertidos, que olhavam a direito, que pareciam ver tudo e não recear nada. Era uma mulher corpulenta, roliça, macia. Gostava de roupa bonita e de joalharia com pendentes, coisas que praticamente não tinha, e gostava de cozinhar para muita gente, e amava o nosso pai. Conhecia-o: conhecia-o de dentro para fora e de cima a baixo. Não pretendo ser brejeiro

ou dissimulado, mas lastimavelmente prosaico e franco quando digo que jamais saberei o que ela via nele. O que ela via não era certamente visível para muita gente; o que ela via permitia ao meu pai chegar ao fim da semana de trabalho e do domingo de repouso; o que ela via salvou-o. Via que ele era um homem. Para ela, ele era talvez um grande homem. Creio, porém, que, para a nossa mãe, qualquer homem era grande se aspirasse a tornar-se um homem: isto significava que o nosso pai era um ser muito raro e precioso. Costumava interrogar-me como é que ela aceitava, como é que aguentava: as fúrias dele, as lágrimas, a cobardia. Ao sábado à noite, era quase sempre perverso, cruel, e, embriagado, tornava-se piegas. Chegava do trabalho ao início da tarde e dava algum dinheiro à nossa mãe. Nunca era o suficiente, claro; mas guardava sempre algum para se ir embebedar; ela nunca protestava, pelo menos tanto quanto sei. E depois saía para ir às compras. Eu costumava acompanhá-la, pois Caleb estava sempre fora, algures, e a nossa mãe não gostava de me deixar sozinho em casa. Receava que a casa ardesse durante a sua ausência; Deus sabe que os incêndios eram comuns no nosso bairro. Assim, enquanto o nosso pai, severo e melancólico, bebia rum num bar da vizinhança e Caleb e os amigos se embebedavam com vinho barato na cave de alguém, nós percorríamos as ruas do Harlem. E essa era, provavelmente, bem vistas as coisas, a melhor combinação possível. As pessoas que não gostavam do nosso pai só podiam, por essa mesma razão, gostar da nossa mãe; e as pessoas que achavam que Caleb se estava a tornar tal qual o pai pensavam que eu, ao menos, saía à minha mãe. Além do mais, regra geral, não é fácil odiar uma criança pequena. Corre-se o risco de se fazer má figura, sobretudo se a criança estiver com a mãe.

E mais ainda se essa mãe for a Sra. Proudhammer. A Sra. Proudhammer conhecia muito bem a opinião que as pessoas tinham do Sr. Proudhammer. Sabia também, ao certo, quanto devia em cada loja que entrava, quanto poderia pagar e o que tinha de comprar. Entrava com um sorriso, preparada, e depois atacava:

— Boa noite, senhor Shapiro. Queria daquele feijão-encarnado.

— Boa noite. Sabe que a conta que aqui têm já vai alta.

— Pago já de seguida uma parte. Preciso de farinha de milho e arroz.

— Também tenho contas para pagar, sabe, senhora Proudhammer.

— Não acabei de dizer que ia pagar? Não sei porque não ouve, talvez esteja a ficar velho. Também quero *cornflakes,* e leite.

Todos os artigos que conseguia alcançar já os tinha dispostos em cima do balcão. Com o seu ar pesaroso, o Sr. Shapiro olhava para mim e suspirava.

— Quando é que acha que me poderá pagar esta conta? Refiro-me à totalidade.

— Senhor Shapiro, conhece-me há anos. Sabe que pagarei assim que puder. Já não falta muito. Não é que me vá mudar.

Às vezes, quando dizia aquilo, tinha na carteira a carta de despejo. O Sr. Shapiro olhava para mim de tempos a tempos como se a minha cara pudesse revelar os segredos da minha mãe. (Nunca aconteceu.) E olhava para a minha mãe como se perguntasse a si mesmo como é que uma mulher tão bonita e quase branca fora parar a um lugar daqueles.

— Quanto é? Dê-me um pedaço do bolo de chocolate que tem ali.

O bolo de chocolate era para Caleb e para mim.

— Ora bem, abata isto na conta. — Com um ar imperioso, como se fosse a coisa mais natural do mundo, pôs dois ou três dólares no balcão.

— Tem sorte que eu seja um coração mole, senhora Proudhammer.

— Na Baixa, as coisas não são tão caras… acha que eu não sei? Aqui tem. — E pagou o que comprara. — Obrigada, senhor Shapiro. Foi muito simpático.

ALFAGUARA

Voz maior de toda uma geração, James Baldwin continua a seduzir leitores e a distender as fronteiras da literatura. Desta vez, chega-nos o retrato da angústia de um homem negro numa sociedade face ao abismo da violência.

«Talvez Deus se juntasse a nós mais tarde, quando ficasse convencido de que estávamos do lado dos vencedores. Então, o Céu aprovaria uma lei sobre os direitos civis e todos os anjos seriam iguais e todos os filhos de Deus teriam sapatos.»

Nova Iorque, 1960. No auge da sua carreira, aos trinta e nove anos, o ator Leo Proudhammer sofre um ataque cardíaco em palco. Enquanto flutua entre a vida e a morte, desfilam, diante do leitor, as escolhas que o tornaram invejavelmente famoso e também terrivelmente vulnerável.

Entre a infância nas ruas do Harlem e a chegada ao inebriante mundo do teatro, corre um deserto de desejo e perda, vergonha e raiva. De um lado, há a memória de Caleb, irmão mais velho adorado que sucumbiu na prisão. Do outro, uma vida amorosa complexa, os afetos de Leo divididos entre Barbara King, uma mulher branca com quem partilha o palco, e Black Christopher, um rapaz negro orgulhoso, ambos exigindo a sua lealdade incondicional.

Avassaladora no dilema que apresenta e extravagante na intensidade dos sentimentos que a inflamam, *Diz-me há quanto tempo partiu o comboio* é uma obra fundamental da literatura norte-americana, talvez o romance mais terno de James Baldwin, e a sua personagem, a mais marcante: um homem em busca de si mesmo, tentando fazer as pazes com as suas muitas identidades. E com as marcas do amor, que «quase ninguém consegue suportar».

«Um feito surpreendente, dificilmente igualável no nosso tempo.»
The Washington Post

«Baldwin é um dos poucos escritores norte-americanos verdadeiramente indispensáveis.»
Saturday Review

Penguin Random House Grupo Editorial
www.penguinlivros.pt
alfaguaraeditora
penguinlivros
ISBN: 978-989-583-620-8